

# Movimento resiste a barragens

'ATINGIDOS POR BARRAGENS' CONTA COM APOIO DA IGREJA E DA CUT E TEM COMO OBJETIVO IMPEDIR CONSTRUÇÃO DE HIDRELÉTRICAS

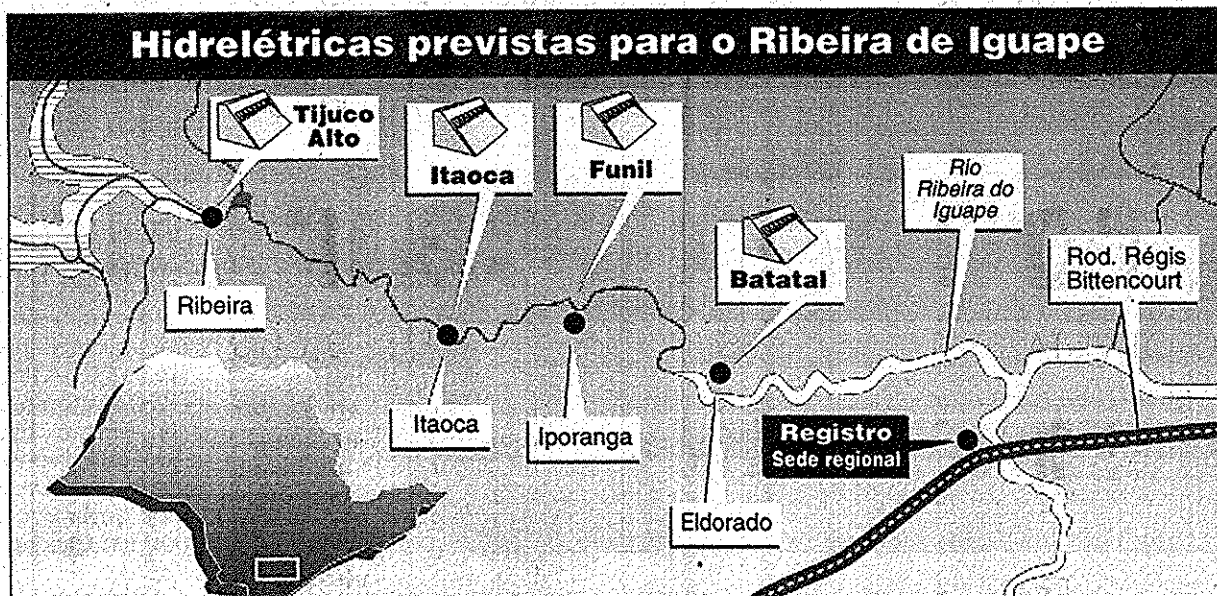
O Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) está decidido a invadir o canteiro de obras e resistir de todas as formas para impedir a construção de quatro usinas hidrelétricas no rio Ribeira do Iguape, no sudoeste de São Paulo. Como o Movimento dos Sem-Terra (MST), o MAB é ligado à CUT, apoiado pela Comissão Pastoral da Terra, da Igreja Católica, e financiado por organismos internacionais. No Sul do País o movimento mostrou sua força: impediu a construção da hidrelétrica de Machadinho, no rio Uruguai. Em dezembro último, os "atingidos" instalaram, no lugar onde deveria estar a hidrelétrica, uma placa comemorativa ao quinto aniversário de sua não construção.

No Vale do Ribeira, cortado pelo rio Ribeira do Iguape, as ações contra as quatro usinas já começaram. No ano passado, um ataque a um acampamento da Companhia Energética de São Paulo (Cesp) pôs a pique uma balsa e incendiou dois motores usados para sondagem no

Ribeira do Iguape. A Cesp desmontou o acampamento. O atentado ocorreu na área onde se projeta a hidrelétrica de Batatais.

Em maio último, os "atingidos" impediram por horas a passagem de três ônibus pela ponte sobre o rio Nhunguara, que deságua no Ribeira do Iguape. Nos ônibus estavam pessoas favoráveis à construção da hidrelétrica de Tijuco Alto, projetada pela Companhia Brasileira de Alumínio, do empresário Antônio Ermírio de Moraes. Os passageiros iam pressionar o Conselho Estadual de Meio Ambiente (Consema), em São Paulo, em favor da hidrelétrica. Só

## Hidrelétricas previstas para o Ribeira de Iguape



Com a construção das hidrelétricas, serão inundados 11 mil hectares e removidas 4 mil famílias da região do Ribeira do Iguape.

puderam seguir viagem com a chegada da polícia.

O MAB representa, segundo seus cálculos, 200 mil famílias de atingidos em vários pontos do País. Tem uma coordenação nacional de 16 membros (dois deles indígenas) e uma coordenação

executiva de cinco. A coordenadora executiva do Sudeste, Silvani Cristina Alves, descreve as diretrizes de ação do movimento: "Tentamos impedir, pelas vias institucionais, a construção das hidrelétricas que achamos desnecessárias. Se não

portada da Cesp, no centro de São Paulo. "Foi a forma que encontramos para protestar e conseguir detalhes sobre o projeto das hidrelétricas", diz Silvani. Os "atingidos" do Ribeira também fizeram manifestações, em outras ocasiões, na Secretaria

somos atendidos, ocupamos o canteiro de obras. Usamos outras formas de pressão, como ocupar o escritório regional das concessionárias (a Cesp, no caso do Ribeira do Iguape). Outra forma é derrubar o início das obras: de dia a empreiteira constrói, à noite o pessoal vai lá e derruba".

No dia 14 de março, famílias de atingidos do Vale do Ribeira acamparam à

do Meio Ambiente e na Assembléia Legislativa. A outra forma de ação — ataque às obras — foi aplicada na barragem de Setúbal, no Vale do Jequitinhonha (MG), durante o governo de Newton Cardoso. Os "atingidos" derrubaram, a picareta, o muro de terra compactada feito para desviar o curso do rio. As águas voltaram ao seu leito normal. A barragem, destinada à irrigação e perenização, não foi construída.

O MAB — que tem por símbolo um lavrador crucificado em uma torre de alta tensão — possui uma meta estratégica: gastar todos os cartuchos para impedir que a barragem da hidrelétrica visada seja erguida. Ou, se isso for de todo impossível, alcançar todas as conquistas — reassentamento das famílias, indenizações etc. — antes da construção da barragem. O limite é chamado de "água no pescoço". Consideram que se a barragem for construída e o lago começar a encher fica muito mais difícil alcançar vitórias.

**Valdir Sanches**

## ESTRATÉGIA É SEGREDO

Irmãs pastorinhas fazem segredo sobre táticas de ação do movimento

As irmãs Ângela Biagioni e Bertila Picelli, da Congregação das Irmãs de Jesus Bom Pastor (pastorinhas), consideram que o Movimento dos Atingidos por Barragens não deve revelar suas táticas de ação. "Todo movimento tem que fazer segredo de suas táticas. Se o inimigo conhecer quais são, estamos perdidos", diz irmã Ângela. A filosofia do movimento, de só empregar métodos não convencionais — como ocupar o canteiro de obras — depois de esgotadas as tentativas legais, é confirmada por irmã Bertila: "Até agora o movimento vai por vias legais, é bastante pacífico. Depois, se não der assim, nós vamos ver". Irmã Ângela completa: "Na medida em que eles (os interessados nas hidrelétricas) jogam, nós respondemos. Não ficamos sem resposta".

As irmãs falaram ao JT em uma sala nos fundos da casa paroquial de Eldorado (Vale do Ribeira, a 240 quilômetros de São Paulo). A sala é a sede do MAB, que na versão local chama-se Movimento dos Ameaçados por Barragens (Moab). "Trabalhamos para o povo ligado à Diocese de Registro (sede regional do Vale do Ribeira). Não podemos ignorar a questão das barragens", explicam. As irmãs relutaram em falar sobre o ataque a uma balsa da Cesp, que foi afundada e teve motores para sondagem queimados, no rio Ribeira do Iguape, no ano passado. "Nós não publicamos isso, ficou em segredo". Sustentam que o Moab não sabe quem foram os autores dessa ação.

Um forte foco de resistência

às barragens é o lugarejo de Ivaoporunduva, onde vivem 600 negros, remanescentes de um quilombo. O acesso a esse lugar só é possível com a travessia, em canoa, do rio Ribeira do Iguape (para o qual estão projetadas as usinas). Se o visitante não estiver acompanhado ou recomendado por pessoas conhecidas, a travessia lhe é negada.



Benedito: "Ninguém entra".

Se o estranho chegar em barco próprio, o sino da igreja, do século XVII, é usado como alarme. "Tocamos o sino e vem todo mundo correndo", diz Benedito Alves da Silva, um dos líderes locais do Moab. Em uma dessas ocasiões, funcionários a serviço da Cesp foram cercados por homens, mulheres e crianças, com suas foices e enxadas. E bateram em retirada. "Isto aqui é nosso, não vamos deixar ninguém entrar", diz Benedito.

O Moab considera importantes os quilombos ameaçados pelas barragens, que somam 17. A Constituição garante a remanescentes de quilombos o direi-

to à terra. Não podem, entende o Moab, ser inundados. Um antropólogo está avaliando três desses quilombos, um deles o de Ivaoporunduva. Advogados entraram com ação na Procuradoria da República pedindo o cumprimento da Constituição.

No bairro de Castelhanos, em Iporanga, às margens do Ribeira do Iguape, Lauro França da Silva, líder local do Moab, confirma: "Se as obras começarem, nós vamos apelar. Invadiremos o canteiro de obras. Vai haver confronto, mas a solução vai ser essa. É nossa única alternativa". Lauro tem dez alqueires na beira do rio, que serão inundados. E é agente de saúde do Estado. Diz que a CUT dá apoio para a organização de manifestações do Moab, como as que o movimento fez na Cesp, em São Paulo: "A CUT cede salas, carro de som etc.". Acha que se Luiz Inácio Lula da Silva, o candidato do PT, chegar à Presidência, ajudará o movimento: "Ele entenderia bem o que está acontecendo aqui".

O pároco de Iporanga, o padre salvadorense Efraim Flores Lopez, acha que os "atingidos" têm boas chances de impedir a construção das hidrelétricas: "Na luta das bananas contra o poder econômico, progredimos bastante. Se não houvesse essa luta as hidrelétricas já estariam sendo construídas". A banana é uma das principais economias do Vale do Ribeira. Nas manifestações em São Paulo, das quais padre Efraim participou, "as pessoas levavam cachos de banana para se alimentar".

**V.S.**

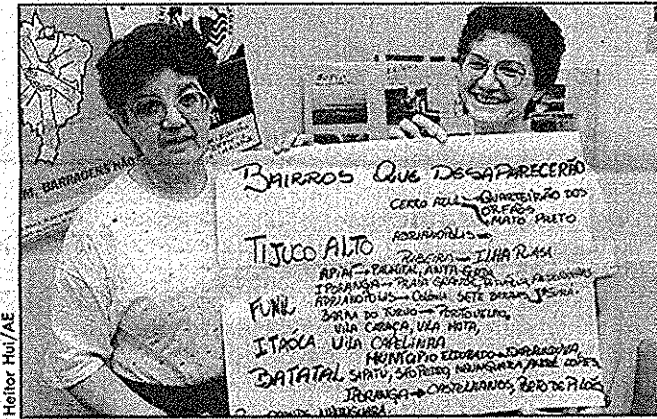
## AUXÍLIO INTERNACIONAL

Movimento foi criado em 89 em um congresso organizado pela CUT

Entidades internacionais, como a alemã Brot Fur Die Welt (Pão para o Mundo, uma organização protestante) e Caritas brasileira (ligada à Igreja Católica), financiam o Movimento dos Atingidos por Barragens no Vale do Ribeira. A sede nacional do movimento, uma sala na rua do Comércio, no centro de São Paulo, é mantida pela Christian Aid, do Conselho de Igrejas Britânicas. O MAB foi criado em 1989, em um congresso organizado pela CUT, em Goiânia (GO), que reuniu movimentos isolados de luta contra barragens. Define-se como contrário à execução do Plano 2010, da Eletrobrás, que prevê a construção de cerca de cem hidrelétricas no País.

Os dois primeiros movimentos foram contra as hidrelétricas de Ita e Machadinho, no Rio Grande do Sul. Um registro histórico sobre a barragem de Machadinho relata: "Em assembléia realizada em Erechim (RS), com mais de dois mil agricultores e várias entidades, ficou decidida uma grande campanha exigindo a suspensão definitiva da barragem de Machadinho, cujo slogan foi: 'Barragem de Machadinho nunca mais'".

Após a assembléia, caminharam até o escritório da Eletrosul, onde queimaram o cronograma de construção da obra e o acordo feito entre os atingidos e a Eletrosul. Foram queimados os marcos e colocou-se uma placa com o slogan em frente à empresa". A hidrelétrica não foi construída.



Irmãs Ângela e Bertila: ação no Ribeira do Iguape.

Em Itapiranga (SC) as ações se passaram assim: "Como a empresa não tinha nenhuma proposta concreta para os atingidos, estes decidiram impedir o trabalho da Eletrosul na região. Expulsaram e perseguiram funcionários da empresa. Numa grande concentração, começaram a arrancar os marcos que haviam sido fincados nas propriedades a serem atingidas. Após estas reações, a Eletrosul afastou-se da área".

Registro das manifestações do Dia de Luta Contra as Barragens, em Porto Lucena, em 1988: "Na tribuna livre, no pronunciamento das entidades, no

culto ecumênico e no ato simbólico de 'arrancação' dos marcos, os atingidos mostraram sua revolta. No mesmo dia, fizeram uma manifestação na área do reservatório da barragem de Campos Novos. Arrancaram os marcos, que foram queimados em uma grande fogueira".

No Vale do Ribeira, onde a construção de quatro hidrelétricas ainda não começou, Silvani Cristina Alves, da coordenação nacional do MAB, diz que, "se vierem as barragens, virão as táticas de sabotagem". Essas táticas obedecerão "às diretrizes nacionais do movimento". "Na área destinada à hidrelétrica de Funil, uma empresa começou a fazer estudos. Mas o trabalho não foi adiante porque o pessoal retirou as estacas".

A irmã Ângela Biagioni, que participa do movimento no Vale do Ribeira do Iguape junto com a irmã Bertila Picelli, define: "Por enquanto, a luta é para não começar essas ações. Mas, se começar, o movimento decide que atitude tomar, com sugestões das comunidades envolvidas". A primeira das hidrelétricas previstas é a de Tijuco Alto, da Companhia Brasileira de Alumínio. Líderes locais afirmam que as populações das outras áreas ameaçadas engrossarão as ações contra Tijuco Alto.

**V.S.**